

## Dois tipos de nome próprio na teoria saussuriana

### Two Types of Proper Nouns in Saussurean Theory

Stefania Montes Henriques\*

Universidade Estadual de Campinas

---

#### Abstract

According to Testenoire (2008), in the early twentieth century, Ferdinand de Saussure made the category of proper nouns his object of study. However, he was not concerned with this word class in his *Course in General Linguistics*, where he mentions proper nouns only once, in his discussion of analogy. This article makes a comparative study of Saussure's approaches to proper nouns in the *Course* and in his papers on German legends, reviewing the theoretical concepts of sign, symbol and proper noun as used in these two sources from the Saussurean corpus. The analysis leads to a distinction between two types of proper nouns in Saussurean theory: linguistic and legendary.

**Key words:** proper nouns, semiology, German legends.

#### Resumo

De acordo com Testenoire (2008), a categoria dos nomes próprios foi objeto de estudo de Ferdinand de Saussure no início do século XX. Entretanto, essa categoria linguística não foi tratada aprofundadamente no *Curso de Linguística Geral*, sendo citada somente uma vez, no capítulo dedicado à analogia. Nesse artigo, realizamos um estudo comparativo acerca da categoria linguística dos nomes próprios em dois materiais distintos: no *Curso de Linguística Geral* e nos manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas. Para tal, realizamos um percurso teórico pelos conceitos de signo, símbolo e nome próprio em ambas produções saussurianas. A principal conclusão a que chegamos foi que há a possibilidade de se considerar dois tipos de nomes próprios na teorização saussuriana: um nome próprio linguístico e um nome próprio lendário.

**Palavras-chave:** nome próprio, semiologia, lendas germânicas.

---

### 1. Introdução

O nome próprio é uma categoria que, até hoje, suscita debates. Um dos motivos para as discussões em torno dessa categoria é a sua heterogeneidade, justificada pelo fato de que existem vários candidatos ao posto de “nome próprio”. De acordo com Molino (1982), podem ser distinguidos nove tipos de nomes próprios: (i) nomes de pessoas ou antropônimos; (ii) nomes de animais; (iii) apelativos e títulos; (iv) nomes de lugares; (v) nomes de tempo; (vi) nomes de instituições; (vii) nomes de produtos da atividade humana; (viii) nomes de símbolos matemáticos e científicos; (ix) outros tipos de nomes próprios (cf. Molino 1982: 6).<sup>1</sup>

A existência de vários tipos de nomes próprios é justificada pelo fato de que tudo aquilo que é conhecido pode ser nomeado: objetos, pessoas, animais, descobertas científicas etc. Pode-se, por exemplo, nomear um carro ou um animal com um antropônimo. Essa diversidade e versatilidade dos nomes próprios parecem evidenciar que essas subdivisões relacionam-se umas com as outras e partilham características comuns. A questão é, quais

---

\* Correspondencia con la autora: temontess@gmail.com.

<sup>1</sup> Molino (1982) afirma que os nomes de apelativos e títulos e os nomes de símbolos matemáticos e científicos possuem um estatuto duvidoso no que diz respeito ao seu pertencimento à categoria dos nomes próprios.

seriam essas características? O que faz com que tanto antropônimos quanto nomes de símbolos matemáticos estejam agrupados em uma mesma categoria?

Ainda hoje, as respostas para essas questões são incertas. Os nomes próprios não possuem características que possibilitem uma delimitação de sua categoria. Se tomarmos, por exemplo, a distinção entre nomes próprios e nomes comuns, veremos que ela não é fixa e não permite que a primeira categoria seja delimitada (cf. Molino 1982: 7).

O problema da delimitação dos nomes próprios, bem como do papel que eles exercem na língua, é algo que foi muito discutido no século XIX. Vários estudiosos das ciências humanas, dentre eles filósofos da linguagem e linguistas trataram dos nomes próprios em suas teorias. De acordo com Leroy e Muni Toke, isso se justifica devido ao fato de que o nome próprio

[...] est un objet passionnant, riche et complexe et qui dépasse largement les limites de la seule linguistique; il n'en constitue pas un objet propre, comme pourraient l'être, par exemple, les prépositions ou les affixes, mais relève des sciences humaines, au sens large: l'intérêt que lui portent l'anthropologie, l'histoire, la psychologie, est bien connu (Leroy e Muni Toke 2007: 115).

Tomando a filosofia da linguagem e a linguística do século XIX como exemplos, temos que, dentre os estudiosos que trataram da temática do nome próprio encontram-se J. S. Mill, G. Frege, W. D. Whitney e M. Bréal. Considerando a importância desses autores para as investigações sobre a linguagem e, ainda, o fato de que o nome próprio possuiu lugar de destaque em suas teorias, somos levados a questionar: qual a posição de Ferdinand de Saussure sobre essa categoria?

Essa pergunta justifica-se na medida em que Ferdinand de Saussure teve toda a sua formação no século XIX e, apesar de não ser possível afirmar com veemência que o linguista genebrino conhecia as teorias de J. S. Mill e G. Frege, sabe-se que ele foi aluno de M. Bréal e trocou correspondências com W. D. Whitney, durante sua estadia em Berlim.<sup>2</sup>

Considerando esses aspectos e a problemática teórica que o nome próprio envolve, analisamos, nesse artigo, duas produções saussurianas: o *Curso de Linguística Geral* [CLG] e os manuscritos sobre as lendas germânicas. A importância da primeira produção é evidente: os cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911 e sua posterior edição e publicação por Charles Bally e Albert Sechehaye, foram responsáveis pela fundação da linguística moderna. Em contrapartida, a produção saussuriana sobre as lendas germânicas permaneceu com um estatuto obscuro até a publicação de alguns trabalhos sobre o tema, tais como os artigos de Avalle (1973), Engler (1974/1975), Aldo Prosdociami (1983) e a edição de alguns manuscritos realizada por Anna Marinetti e Marcello Meli (Saussure 1986). Após a publicação desses trabalhos, veio à tona a importância das considerações saussurianas sobre as lendas germânicas, tendo em vista as formulações sobre semiologia e as comparações da lenda com a língua.

Dessa forma, esse artigo será dividido em três partes: (i) explicitaremos a forma com que o nome próprio é tratado no CLG; (ii) analisaremos alguns fragmentos dos manuscritos sobre as lendas germânicas, presentes na edição de Marinetti e Meli (Saussure 1986); e, por fim, (iii) fundamentando-nos no que foi analisado, explicitaremos o motivo pelo qual há a possibilidade de se considerar dois tipos de nomes próprios nas formulações saussurianas.

---

<sup>2</sup> De acordo com Joseph, "The great American linguist had read the *Mémoire* and had made notes concerning it, which he offered to give to Saussure along with copies of his own work. But something happened which required Saussure to return quickly to Geneva" (Joseph 2012: 254).

## 2. Palavras isoladas em um sistema de relações

Partimos da concepção que para tratar de qualquer conceito saussuriano é necessário realizar um percurso teórico pelo CLG. Isso se justifica na medida em que os conceitos principais presentes nessa obra mantêm relações importantes entre si e, dessa forma, a conceituação de um depende da conceituação de todos os outros. É por tal motivo que, nesse tópico, pretendemos explicitar alguns conceitos saussurianos que consideramos importantes para conceituar as noções de signo e nome próprio no CLG.

Iniciamos com a definição de língua que, de acordo com Saussure ([1916] 1973), é um sistema constituído por uma multidão de signos linguísticos. Esses signos são compostos por significante e significado: duas entidades psíquicas<sup>3</sup> que só possuem existência na medida em que se relacionam uma com a outra. Em um primeiro momento, Saussure utiliza-se dos termos “imagem acústica” e “conceito” para designar essas duas entidades, entretanto, substitui-as por significante e significado tendo em vista que esses novos termos assinalam a oposição e a relação que possuem entre si. A relação estabelecida entre essas entidades constitui-se em uma associação recíproca, tendo em vista que o significante se liga ao significado e vice-versa (Milner 2002). Segundo Saussure ([1916] 1973):

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura (Saussure [1916] 1973: 131).

Outro aspecto importante imbricado no conceito de signo linguístico saussuriano é a questão da arbitrariedade.<sup>4</sup> O arbitrário do signo consiste no fato de que a relação estabelecida entre significante e significado é imotivada, ou seja, não há nada que motive uma ligação entre determinada imagem acústica a um determinado conceito. Segundo Saussure ([1916] 1973), a língua seleciona uma fração da massa amorfa dos sons e liga-a, de maneira arbitrária, com uma fração da massa amorfa das ideias.<sup>5</sup>

Ademais, é o arbitrário saussuriano que possibilita a teoria do valor: “na associação que constitui o signo, não há nada, desde o primeiro momento, além de dois valores que existem um em virtude do outro (arbitrariedade do signo)” (Saussure 2004: 287). Ou seja, é pela relação arbitrária entre significante e significado, que é possível o estabelecimento do valor, já que se essas duas entidades psíquicas possuísem uma relação motivada, os signos não poderiam ser caracterizados como negativos, positivos e diferenciais.

A constituição do signo por duas entidades psíquicas e a relação imotivada – ou ausência de relação, nas palavras de Milner (2002) – já evidenciam um afastamento do modelo aristotélico de signo, o qual seria constituído por som, objeto e sentido. Consequentemente, o nome próprio torna-se uma categoria linguística problemática, já que, em sua definição, possui uma relação com o objeto que designa:

---

<sup>3</sup> É interessante perceber os equívocos que envolvem a natureza desses termos. Na perspectiva saussuriana, o significado não é o objeto presente no mundo e o significante não é o som propriamente dito. Não há nenhum tipo de realização material nesses dois termos enquanto situados no âmbito da língua.

<sup>4</sup> O arbitrário saussuriano é cercado de discussões que se relacionam com a questão do referente. Sobre isso conferir Henriques 2012.

<sup>5</sup> A teorização saussuriana sobre o arbitrário também promove um deslocamento importante nas ciências da linguagem. Antes, a língua era expressão do pensamento e, portanto, o pensamento seria anterior à existência da língua. A partir de Saussure, é a língua que desempenha o papel principal: ela não é condicionada pelo pensamento, mas é a responsável por sua organização.

Le nom propre constitue un hors champs de la théorie saussurienne du signe. La cause semble entendue: signe au signifié hautement problématique et singulier, si ce n'est inexistant, le nom propre est rétif à la notion de valeur et s'exclut de ce fait du système de la langue (Testenoire 2008: 1006).

Isso nos leva a indagar de que maneira essa categoria linguística é tratada no CLG. Temos que os nomes próprios só aparecem explicitamente uma vez, na parte dedicada à linguística diacrônica, especificamente no que tange a analogia. De acordo com Saussure ([1916] 1973),

As únicas formas sobre as quais a analogia não tem poder nenhum são naturalmente as palavras isoladas, tais como os nomes próprios, especialmente os nomes de lugares (cf. Paris, Genève, Agen etc.), que não permitem nenhuma análise e, por conseguinte nenhuma interpretação de seus elementos; nenhuma criação concorrente surgiu a par deles (Saussure [1916] 1973: 201).

Assim, os nomes próprios e geográficos não estariam submetidos ao fenômeno da analogia. Mas por qual motivo? Sabemos que a analogia consiste na criação ocasional de novas formas linguísticas, utilizando de formas preexistentes. Assim, criou-se “pedreira” por analogia à “pedra”, dentre outras palavras. Ao que nos parece, os nomes próprios e geográficos possuiriam alguma diferença dos outros signos linguísticos, na medida em que são denominados por Saussure como “palavras isoladas”. Ora, quais são as implicações de afirmar que os nomes próprios são palavras isoladas em uma teoria que considera a língua como um sistema fundamentado nas relações de seus termos? Se todos os signos que pertencem à língua estabelecem relações entre si, como conceber um signo que não estabeleça relação com os demais? Com o objetivo de tentar responder essas questões e apreender o que distingue o nome próprio dos outros signos linguísticos, é conveniente que nos detenhamos no estudo saussuriano sobre as lendas germânicas.

### 3. O valor do nome próprio lendário

Os estudos saussurianos sobre os *Nibelungen* estão compreendidos em cerca de dezoito cadernos – além de várias folhas avulsas –, catalogados sob os números Ms. Fr. 3958 e Ms. Fr. 3959 (cf. Starobinski 1974). Estima-se que estas pesquisas foram desenvolvidas no período de 1903 a 1910, compreendendo assim os cursos de linguística geral ministrados por Saussure, de 1907 a 1911, na Universidade de Genebra.

Nosso interesse na pesquisa saussuriana sobre as lendas germânicas justifica-se na medida em que Saussure tinha como objetivo encontrar a prova de que os personagens e acontecimentos lendários possuíam uma origem em personagens e acontecimentos históricos. Esse tipo de estudo não era, ao contrário do que se poderia pensar,<sup>6</sup> estranho aos estudiosos contemporâneos a Saussure (cf. Turpin 2003). Nesse sentido, pode-se afirmar que a preocupação saussuriana com as lendas germânicas inicia-se a partir de um interesse semiológico:

Dans ses travaux sur les anagrammes et sur la légende, le point de vue de Saussure s'élargit au champ sémiologique tout entier et assure le fondement d'une nouvelle science dite sémiologique, sans lequel toute l'explication du signe demeurerait un simple travail de linguiste historico-comparatiste du 19<sup>ème</sup> siècle (Kim 1993: 10).

<sup>6</sup> Dentre os estudiosos que classificaram pejorativamente a pesquisa saussuriana sobre as lendas germânicas, encontra-se Zilberberg (1997).

Assim, as considerações saussurianas acerca dos anagramas e das lendas germânicas possibilitam a constituição de uma reflexão semiológica. Não se pode, dessa forma, isolar essas vertentes do pensamento saussuriano – os estudos indo-europeístas, o CLG, a pesquisa anagramática e o Niebelungen – sem que sejam estabelecidas relações teóricas entre elas:

La mythologie saussurienne n'était ni une simple curiosité égarée, ni une folie schizophrénique. Au fond, ce n'est pas le Saussure des anagrammes, car, d'une part, la mythologie saussurienne est épistémologiquement parlant proche du CLG, d'autre part, la mythologie était un domaine tout à fait habituel de l'indo-européaniste du 19<sup>siècle</sup> comme c'est le cas de Saussure (Kim 1993: 17).

Considerando o interesse de Saussure por esses estudos, temos que ao tratar da relação existente entre as personagens lendárias e as personagens históricas, Saussure tem que passar, obrigatoriamente, pela questão do nome próprio. Assim, o linguista explicita que

Surtout voir que le nom n'est qu'un des éléments a.b.c.d placés exactement sur le même rang ; car c'est là sans doute ce qui voile le plus la vérité de ce que nous essayons d'affirmer; on ne fera jamais admettre à certaines personnes que dans « Dietrich » le nom est indifférent; qu'il n'a d'importance que s'il ne s'y ajoute une somme déterminée de traits qui, venant à manquer, nous laisseraient devant le vide absolu [...]. Ce sont les mêmes qui ne croiraient pas nécessaire de dire qu'ils font une même chose de Grudun l'épouse navrée de Sigurd et Kriemhild s'appuyant ici juste à l'inverse sans en rendre expressément compte à leurs lecteurs ou à eux-mêmes sur les caractères indépendants du nom. Aussitôt qu'on voudrait réduire cette conduite contradictoire à une méthode, il faudrait bien en venir à voir, de proche en proche, quelle est la nature fondamentale des êtres sur lesquelles [*sic*] raisonne la mytographie. À reconnaître que le nom a juste autant ou juste aussi peu de valeur (Saussure, *apud* Avalle 1973: 34.).

Saussure efetua uma aproximação entre a categoria dos nomes e os signos linguísticos presentes no CLG. Os nomes estariam, deste ponto de vista, submetidos às mesmas relações que quaisquer outros signos da língua, o que é diferente de afirmar que os nomes próprios e geográficos “são palavras isoladas”. Dessa forma, os nomes próprios possuiriam certo valor na medida em que se relacionam com os outros signos do sistema.

Em outros trechos de suas considerações, Saussure afirma que os personagens lendários seriam símbolos: “[...] chacun des personnages est un symbole dont on peut varier, – exactement comme pour la rune – a. le nom, b. la position vis-à-vis des autres, c. le caractère, d. la fonction, les actes” (Ms. Fr. 3958: 1). Essa afirmação faz com que nos lembremos que, no CLG, o símbolo se diferencia do signo linguístico na medida em que possui uma certa motivação. Ao que nos parece, a motivação do símbolo não transparece na análise saussuriana sobre as lendas, já que entre o fato histórico e a lenda há uma série de transformações que, inclusive, atingem os nomes próprios. Quanto a isso, Turpin (2003) afirma que “Il n'y a donc pas des simples transpositions d'un évènement de la légende à un évènement de l'histoire, mais la possibilité de fusions ou d'amplifications ou bien même de déplacements” (Turpin 2003: 310).

Ainda no que diz respeito aos personagens, Saussure afirma que “ces symboles, sans qu'il s'en doutent, sont soumis aux mêmes vicissitudes et aux mêmes lois que toutes les autres séries de symboles, par exemple les symboles qui sont les mots de la langue”<sup>7</sup> (Saussure,

<sup>7</sup> Ainda no que diz respeito a essa comparação, Arrivé (2010) afirma que há certa mutação da terminologia nos estudos saussurianos.

*apud* Avalle 1973: 31). É necessário que nos detenhamos um instante nessa citação na medida em que, ao tratar dos símbolos da lenda, Saussure evoca os signos lingüísticos. O mesmo não acontece quando Saussure trata do sistema da língua: não há qualquer menção no CLG ao estudo sobre as lendas germânicas. Essa ausência de considerações sobre as lendas germânicas no CLG causa certo estranhamento na medida em que tanto a pesquisa linguística quanto a pesquisa lendária foram desenvolvidas concomitantemente (cf. Arrivé 2010).

Ao tratar do nome próprio nas lendas germânicas, Saussure atribui-lhes as propriedades do signo linguístico:

Le nom n'a ni plus ni moins d'importance que tout autre côté. Il n'est pas comme chez un individu vivant une étiquette sur la personne, mais au même rang que les autres choses, et à ce point de vue plus important ; seulement ce qui compense, c'est que tandis que les autres caractères de l'individu sont inséparables de lui, et restent la base ferme de son identité même s'il change de nom, tout trait de l'être légendaire peut se dissiper au premier souffle avec autant de facilité que le nom (Saussure, *apud* Prosdocimi 1983: 64).

Além de afirmar que o nome próprio encontra-se no mesmo patamar que qualquer outro elemento da lenda, Saussure também efetua uma crítica aos estudiosos que consideravam a língua enquanto nomenclatura. Ademais, a tradição mitográfica daquela época parecia sentir uma predisposição a favor do nome próprio lendário no que diz respeito à hipótese de que ele teria a capacidade de recuperar totalmente as características dos personagens (cf. Ferrándiz 2000). Mas o genebrino não parece concordar com esse ponto de vista, já que os atributos dos personagens não estariam contidos em seus nomes, mas sim neles próprios. Assim,

À l'époque de Saussure, quand les légendes sont interprétées à partir de l'histoire, ou de ce qu'on en connaît, ceci se fait sans que jamais on s'interroge à propos de la notion d'unité ou d'identité sur laquelle repose la comparaison. Ainsi la plupart de ces recherches partent du nom d'un personnage de la légende pour le rattacher à un personnage de l'histoire, sans interroger cette notion de personnage quand celui-ci entre dans une narration. Saussure, par contre, montre qu'entre l'histoire et la légende ont lieu diverses séries de transformations qui sont liées à l'épreuve du temps et de la socialisation, et que dans ces transformations l'unité n'est jamais donnée (Turpin 2003: 309).

A lenda é, então, submetida à massa falante e ao tempo e, conseqüentemente, os seus personagens sofrem transformações. Além disso, esses personagens lendários constituem-se enquanto unidades que não são dadas de antemão, e sim pela relação estabelecida entre seu nome, seus atos, suas características etc. Dessa forma, o nome próprio adquire um estatuto diferente daquele presente no CLG: ele não é uma “palavra isolada”, porque estabelece relação com os outros termos da lenda.

Nesse ponto, é interessante explicitar a hipótese de Choi (1997) sobre a maneira com que Saussure lida com a questão referencial em seus estudos sobre as lendas germânicas. Para esse autor, Saussure teria como objetivo tratar do momento em que algo não-semiológico – que seria o fato histórico – torna-se semiológico. Esse momento constitui-se quando

Pour l'illustration de notre propos, il est suggestif de faire remarquer que Saussure observe dans l'acte de raconter un moment où le mot plein de sens direct se transforme en "mot pur". Précisons que le "mot pur" en question ne désigne rien d'autre qu'un mot privé de contamination référentielle. Délié de l'origine référentielle, il fonctionne pour ainsi dire comme pur signifiant (Choi 1997: 205).

A palavra plena de sentido direto seria a palavra que possui uma relação referencial. A partir do momento em que essa palavra é inserida no discurso lendário, ou seja, encontra-se em uma narrativa, torna-se uma palavra privada do referente. E é justamente por ser privada desse referente, que ela se torna uma “palavra pura” que atenderia aos requisitos de funcionamento de um sistema semiológico da mesma forma que o signo linguístico.

#### 4. Considerações Finais

Fundamentando-nos nos aspectos citados ao longo desse artigo e nas considerações de Choi (1997), é possível afirmar que há dois tipos de nomes próprios na teoria saussuriana. O nome próprio possuiria o estatuto de palavra isolada na língua porque algo em sua constituição seria positivo e adquirido no momento da fala. O nome próprio seria, nesse sentido, uma palavra contaminada pelo referente. Em contrapartida, ao ser inserido em uma narrativa lendária, o nome próprio nada mais seria do que uma das características de um determinado personagem e, enquanto tal, não é fixo e sim passível de mudanças. E isso só é possível porque a origem referencial do nome próprio lendário foi esquecida, perdida. Se não é conveniente que se mude o nome de uma cidade com frequência, o mesmo não ocorre com as localidades geográficas presentes na lenda: a transposição ou a mudança de nomes de lugares não afeta a transmissão da narrativa e a prova maior disso é a existência de várias versões de uma mesma lenda.

#### Referências bibliográficas

- Arrivé, Michel. 2010. *Em busca da Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola.
- Avalle, D’Arco Silvio. 1973. “La sémiologie de la narrativité chez Saussure”. Bouazis, Charles e D’Arco Silvio Avalle. *Essais de la théorie du texte*. 17-49. Paris : Galilée.
- Choi, Yong Ho. 1997. *Le temps chez Saussure*. 1997. Tese de Doutorado em Ciências da Linguagem. Université Paris X Nanterre, Paris.
- Engler, Rudolf. 1974/1975. “Les sémiologies saussuriennes: 1. de l’existence du signe”. *Cahiers Ferdinand de Saussure. Revue suisse de linguistique générale* 29. 45-73.
- Ferrándiz, Raúl Rodríguez. 2000. “La semiología del nombre propio en Saussure: los nibelungen y los anagrammes”. *Revista de investigación lingüística* 3: 1. 181-205. Disponível em Internet: <http://revistas.um.es/ril/article/view/4361>. [Acesso em: 30 de novembro de 2015.]
- Henriques, Stefania Montes. 2011. “A categoria dos nomes e a referência: um estudo linguístico-filosófico”. *Horizonte Científico* 5: 1. 1-26. Disponível em Internet: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/12211/7220>. [Acesso em: 30 de novembro de 2015.]
- Henriques, Stefania Montes. 2012. “O princípio da arbitrariedade e a referência em Ferdinand de Saussure”. *Revista e-escrita* 3: 1-B. 189-202. Disponível em: [http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/288/pdf\\_185](http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/288/pdf_185). [Acesso em: 30 de novembro de 2015.]
- Joseph, Jonh. 2012. *Saussure*. Londres: Oxford University Press.
- Kim, Sungdo. 1993. “La mythologie saussurienne: une nouvelle vision sémiologique? (a propos de la continuité de la pensée saussurienne)”. *Semiotica* 97: 1-2. 5-78.
- Leroy, Sarah e Valelia Muni Toke. 2007. “Une date dans la description linguistique du nom propre : l’essai de grammaire de la langue française de Damourette et Pichon”. *Lalies* 27. 115-190.
- Milner, Jean-Claude. 2002. “Saussure – retour à Saussure”. *Le périple structural: figures et*

*paradigme*. 15-43. Paris: Seuil.

Molino, Jean. 1982. “Le nom propre dans la langue”. *Langages: Revue Trimestrielle* 16: 66. 5-20.

Prosdocimi, Aldo. 1983. “Sul Saussure dele legende germaniche”. *Cahiers Ferdinand de Saussure. Revue suisse de linguistique générale* 37. 35-106.

Saussure, Ferdinand de. 1891. “Notes item. Sôme et sème”. *Papiers Ferdinand de Saussure, 3951: « Notes de linguistique générale »*. Bibliothèque de Genève.

Saussure, Ferdinand de. [1916] 1973. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

Saussure, Ferdinand de. 1968/1989. *Cours de linguistique générale: édition critique par Rudolf Engler*. Tomo . Otto Harrassowitz: Wiesbaden.

Saussure, Ferdinand de. 1986. *Le leggende germaniche : scritti scelti e annotati a cura di Anna Marinetti e Marcello Meli*. Libreria Editrice Ziolo: Italia.

Saussure, Ferdinand de. 2004. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.

Starobinski, Jean. 1974. *As palavras sob as palavras*. São Paulo: Perspectiva.

Testenoire, Pierre-Yves. 2008. “Le nom propre en débat au tournant du siècle (Whitney – Bréal – Saussure)”. *Histoire, épistémologie, réflexivité*. CMLF. 1001-1014. Disponível em Internet: <http://www.linguistiquefrancaise.org/articles/cmlf/pdf/2008/01/cmlf08040.pdf>. [Acesso em: 30 de novembro de 2015.]

Turpin, Béatrice. 2003. “Légendes – Mythes – Histoire : la circulation des signes”. *Cahiers de l’Herne*, ed. por Simon Bouquet. 307-429. Paris: Éditions de L’Herne.

Zilberberg, Claude. 1997. “Une continuité incertaine: Saussure, Hjelmslev, Greimas”. *Hjelmslev aujourd’hui*, org. por Alessandro Zina. 165-192. Turnhout: Brepols.